

# **ESTUDO COMPARATIVO SOBRE ÉTICA & MORAL: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO NATURÓLOGO**

Akhnaton Liuti Nascimento  
Acadêmico da 9º fase do Curso de Naturologia Aplicada da Unisul.  
Artigo apresentado à disciplina de Ética, em 26/11/03.

## **Resumo**

Estudo comparativo sobre Ética e Moral e suas implicações no processo de formação do naturólogo realizado na disciplina de Ética do 9º semestre de Naturologia Aplicada da UNISUL. Tem por objetivo demonstrar os conceitos de Ética e Moral segundo a Filosofia à maneira clássica, relacionados aos pensamentos de Aristóteles, Kant e Hegel. Procurar os princípios que fundamentam suas abordagens filosóficas e determinar suas semelhanças e complementaridades. O estudo comparado resgata os conceitos originais, mostrando-os à luz de suas Idéias primordiais, revelando limites e possibilidades para o naturólogo que constrói sua soberania através da conduta ética.

**Palavras chave:** Ética, Moral, Filosofia, Princípios, Idéias, Naturólogo, Limites e Possibilidades.

## **INTRODUÇÃO:**

Este estudo comparado sobre Ética e Moral, baseado nas obras de Aristóteles, Kant e Hegel, resgata conceitos da filosofia clássica e relacionando-os ao processo de formação do Naturólogo.

Visa transcender as divergências intelectuais acerca dos conceitos de ética e moral desenvolvidos por estes três pensadores, identificando os elementos comuns que servem para a educação do ser humano. Para tanto se baseia no que estes três filósofos acreditavam ser válido em todas as circunstâncias servindo de princípios gerais para suas elucidações. Reúne suas idéias numa filosofia a maneira clássica, respeitando as características soberanas dos modelos

conceituais que criaram, isto é, a precisão de suas digressões acerca da particularidade de cada caso, sob influência das experiências pessoais que tiveram em suas vidas.

O estudo comparado demonstra que há deturpações acerca das interpretações das obras destes filósofos, aceitas pela comunidade acadêmica. Suas obras são apreciadas à luz do contexto e da época a que pertenceram, daí as divergências entre conceitos, entre tanto, se referem a uma necessidade presente em todas as épocas e ao conhecimento que leva à saciedade desta necessidade.

Segundo Platão é o mesmo conhecimento que está presente em todas as épocas e lugares, sendo apenas apresentado sob uma nova roupagem de acordo ao momento histórico, contexto e às peculiaridades de cada cultura. O conhecimento presente em todas as épocas e lugares é chamado de atemporal e pertence ao mundo das idéias conforme o postulado por Platão.

Jung aplica o mesmo conceito na psicologia quando descreve os arquétipos como sendo válidos em épocas e lugares diversos. Apesar das diferentes culturas desenvolverem seus próprios mitos, ritos e crenças pode-se encontrar o mesmo valor simbólico, significado e conteúdo representado em diversas formas. Ainda que os arquétipos não sejam acessíveis ao homem em sua forma pura, assim como, as idéias de Platão.

As semelhanças com a física não são mera coincidência. De fato Einstein propõe que espaço e tempo não existem como coisas distintas e que estão relacionadas formando uma quarta dimensão, que não podemos perceber em sua forma pura, mas que nesta quarta dimensão manifestam-se as demais dimensões cujos fenômenos nos são acessíveis. Em decorrência de alguns fenômenos físicos parcialmente mensuráveis (fenômenos quânticos) pode-se prever matematicamente esta dimensão espaço – tempo, porém não totalmente, pois, assim como as idéias e os arquétipos, não são acessíveis (à mente humana) na sua forma pura.

Segundo Aristóteles só se pode falar das idéias em termos gerais, haja visto que não são totalmente acessíveis ao intelecto humano, entretanto não é desprezível ter uma noção das idéias quando se pretende conhecer precisamente as coisas.

“O mesmo acontece no que se refere à Idéia do bem: ainda que exista algum bem único que universalmente predicável dos bens ou capaz de existir separada e independentemente, esse bem não poderia, é evidente, ser realizado ou alcançado pelo homem; e o que buscamos aqui é algo de atingível. No entanto, talvez alguém possa pensar que seja vantajoso ter conhecimento desse bem, tendo em vista os bens que são atingíveis e realizáveis; e efetivamente usando-o como uma espécie de padrão, conheceremos melhor os bens que verdadeiramente são bons para nós, e, desse modo, poderemos atingi-los”. (ARISTÓTELES, 330 a.C.)

Aristóteles vai além tecendo uma digressão crítica, desde sempre atual, aos homens de ontem e de hoje, que naquela época já interpretavam e utilizavam mal seus conceitos e seu método de investigação da natureza. Explanando que embora visem o bem os homens nem sempre percebem vantagem em possuir o conhecimento da idéia do bem, revela a importância da idéia:

“Contudo, esse argumento, embora tenha alguma plausibilidade, parece colidir com o procedimento adotado nas ciências, uma vez que todas elas, embora visem a algum bem e procurem suprir a sua falta, deixam de lado o conhecimento da Idéia do bem. Ademais, não é provável que todos os praticantes das diversas artes ignorem e nem ao menos desejem obter um auxílio tão valioso. E, por outro lado, é difícil perceber qual a vantagem que esse conhecimento do ‘bem em si’ pode trazer a um tecelão ou a um carpinteiro no que diz respeito à sua arte, ou que o homem que tenha considerado a Ideal em si venha ser, por essa razão, um médico ou um general melhor.” (ARISTÓTELES, 330 a.C.)

Este louvável filósofo introduz a questão da ética na área da saúde, pois na sua época os profissionais já atuavam sem conhecer a idéia da saúde.

“De fato, o médico nem sequer parece estudar a saúde em si, e sim a saúde do homem ou, antes, talvez seja mais exato dizer a saúde de um indivíduo particular, visto que são indivíduos que ele trata”. (ARISTÓTELES, 330 a.C.)

Penetra, portanto, no campo da Ética sem perder de vista a ‘Idéia da Ética’, isto é, fala sobre a ética a ser vivenciada pelos homens mantendo-se atento à pureza da Ética Ideal que se busca refletir nas ações. Assim se dá a relação entre ética temporal e Ética atemporal.

A Filosofia Clássica traduz isto da seguinte forma: o conceito de Ética equivale ao de Moral, pois do ponto de vista ideológico são duas faces indissociáveis da ação a que vulgarmente se denomina costume. Assim como, a teoria e prática são aspectos inseparáveis de uma experiência. Entenda-se por teoria e prática aquilo que Aristóteles define como ciência teórica e ciência prática.

Sendo assim, para a Filosofia Clássica Ética e Moral equivalem ao equilíbrio perfeito nas ações, a conduta perfeita, que pode ser expressa como uma Lei da Natureza válida em todas as épocas e lugares em conformidade com a Idéia ou Arquétipo da Ética/Moral.

Kant formula de modo geral seu entendimento da Ética/Moral, em três princípios que são formulações da Lei em termos gerais, isto é, o Imperativo Categórico não é a Lei em si, já que a Lei nos é inacessível, pois ela é válida sempre e o homem está submetido à época e ao contexto cultural em que vive, conforme explica Hegel.

Entretanto o determinismo cultural não é a solução já que o homem tem a capacidade de romper com as convenções culturais, e transformar a sua própria cultura. Hegel chama atenção para as relações culturais, como influenciam e são influenciadas pelo homem. E leva a refletir sobre os processos de ruptura dos costumes aceitos e o surgimento de novos valores nem sempre compatíveis com a 'Idéia da Ética'. Por isso Kant é brilhante no seu rigor que o leva a propor o dever como sendo uma finalidade em si mesmo e uma imposição, já que isto é uma aproximação da realidade arquetípica e conseqüentemente da Lei Universal.

Como as condutas de rompimento com os costumes de uma sociedade nem sempre visam sua transformação plena e podem ser aceitos novos costumes baseados apenas na satisfação das necessidades, desejos e instintos, pode o caos ser tomado por ordem. Nestes Estados caóticos é culturalmente impossível vivenciar os princípios que Kant propõe, por isso o indivíduo se aproxima ao Máximo da Lei quando a impõe a si mesmo como Princípio ou Lei que rege sua

existência. A Lei imposta pelo próprio indivíduo é a Lei Interna à qual ele está inexoravelmente submetido, ir contra esta Lei é ir contra a parte superior da natureza humana que é capaz de dominar os instintos para buscar algo cuja finalidade é inexistente. Esta Lei Arquetípica não está submetida aos conceitos humanos tudo o que se pode dizer são aproximações de uma Realidade maior.

Aristóteles propõe que se há uma finalidade na conduta humana esta deve ser aquela que não visa à obtenção de nenhuma outra finalidade, e isto se aproxima ao agir por dever, porque neste caso agir por finalidade é agir de acordo a mesma Lei Interna a qual se está inexoravelmente submetido. E a finalidade aqui é a felicidade ou conhecimento adquirido através de longa aprendizagem e do exercício das virtudes. Por isso quando Aristóteles busca precisão em suas digressões está definindo claramente que formas podem assumir as virtudes nos casos particulares, não ensina fugir do sofrimento nem buscar a euforia, sempre atento à Idéia da Virtude ou à Máxima Virtude, a virtude perfeita ou Sabedoria. Define a Sabedoria como uma virtude, como um estado extremo que não é o vício nem a carência, semelhante ao estado de imposição do dever e ação de boa vontade, e no qual esta o verdadeiro prazer.

Fica claro que estes filósofos não estão tratando da ética temporal tal qual os homens comuns a conhecem. Tratam da ética nas ações que está de acordo ao tempo e ao contexto cultural sem perder de vista a sua Idéia.

O conceito de ética e de moral vulgarmente aceito está relacionado a aspectos culturais em evidencia nas culturas em que os termos tiveram origem. Historicamente a imagem que se tem dos romanos relaciona-se a sua força no agir, aspecto saliente em sua cultura onde surgiu o termo 'mores', traduzido por moral que significa costumes. O termo grego 'ethos', traduzido por ética, pode significar tanto costumes quanto caráter conforme varia a sua grafia em grego. O aspecto saliente da cultura grega era sua sagacidade no pensar.

“De que modo recordamos hoje a civilização grega? Precisamente por seus grandes artistas e filósofos. Isto fez que o intelectual se convertesse no aspecto distintivo dos antigos gregos. Por outro lado, como nos lembramos dos romanos do Império? Por sua ação guerreira, poderosa força e vontade inquebrantável”.(LIVRAGA, 1.970).

Estes aspectos culturais salientando o agir e o pensar, dos romanos e gregos respectivamente levam alguns interpretes a ver a ética e a moral como coisas distintas. Ética ligada um intelectualismo que trata das obrigações do homem e moral como ciência dos costumes.

“... na antiguidade jamais se concebeu um sistema de costumes de um lado e um sistema filosófico de outro lado. Muito pelo contrário, antes de tudo, toda a filosofia, tinha por meta sua aplicação direta e nenhum pensador vangloriava-se em falar e atuar de forma diferente. Ética e Moral, ou melhor, a teoria e a prática, eram dois atalhos do mesmo caminho, utilizando-se as palavras do Bhagavad Gîta”. (LIVRAGA, 1.970).

As saliências do agir ou do pensar em cada cultura não excluem mescla destes dois aspectos filosóficos necessários à estruturação destas duas civilizações, levando em consideração que são necessários em equilíbrio no âmago do próprio homem para que tenha uma Vida Moral.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

As exigências que a vida faz ao interagente também serão feitas à vida do terapeuta. De modo que para estar presente, o terapeuta terá que cumprir as exigências (da sua vida, incluindo a interagência). Ao terapeuta aplica-se a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, tanto quanto é aplicável ao interagente, portanto, os casos extremos da interagência requerem do terapeuta presença, isto é, capacidade de atuar eficazmente sem que adoeça para que possa guiar o interagente.

O modelo criado na interagência é uma referência de conduta ética entre terapeuta e interagente, em que este último participa ativamente vivenciando uma relação orientada para a natureza do ser humano que é ser saudável. É assim que o interagente aprende, reconhecendo a

ética em si mesmo através do processo de interagência (modelo de relacionamento), aplicá-la em suas relações, consigo mesmo e com o meio em que existe.

O terapeuta precisa transformar-se e curar-se diante das exigências da interagência. Sob o risco de ser antiético e incoerente incentivando o interagente a transformação enquanto permanece estanque, perde a vontade de crescer, de aprender, colocando-se na posição arrogante de rigidez diante do novo e das dificuldades, impossibilitando a cura de seu interagente, porque não cura a si mesmo.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2.000.

MARIM, Caroline Izidoro. **Apostila Fundamentos da Ética**, 2.003. Material não publicado.

RIZZI, Jorge Angel Livraga. **Curso de Introdução de Filosofia à Maneira Clássica de Nova Acrópole**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, s/d.

STRATHERN, Paul. **Kant em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1.997.